

# Contas surpreendem turistas



Os turistas ficam surpresos quando recebem as facturas do valor a pagar pelos serviços desempenhados pelos bombeiros. FOTO DR

## OS VALORES COBRADOS AO TURISTA DIFEREM DE CORPORACÃO PARA CORPORACÃO

FILIPE GONÇALVES  
fgoncalves@dnoticias.pt

Até ao mês passado, e sob a coordenação do Serviço Regional de Protecção Civil e Bombeiros, houve 15 turistas que precisaram de ser resgatados por terem sofrido acidentes pessoais quando passeavam nas serras da Madeira.

A todos eles foi enviada uma factura com um valor a pagar pelo serviço prestado pelos elementos dos bombeiros que participaram nos vários resgates.

É só nesta altura, quando são confrontados com os valores, que os turistas se mostram bastante surpreendidos com a situação, por-

que muitos pensavam tratar-se de um serviço gratuito.

Mas não o é. Os valores a cobrar variam consoante as corporações que têm autonomia administrativa para aplicar as taxas.

No caso dos 'Bombeiros Voluntários', a tabela de preços a aplicar depende da associação por quem são representados. Já no caso dos 'Bombeiros Municipais' são as próprias Câmaras quem fixam e actualizam anualmente os valores a cobrar.

Numa ronda feita por algumas corporações de bombeiros da Região conclui-se que os valores cobrados aos turistas variam mas, à viva voz, ninguém quer avançar com os valores exactos.

### Turista chega a pagar 700 euros

Ao que o DIÁRIO apurou há corporações que cobram por cada quilómetro percorrido por uma ambulância 2 euros e 70 centimos.

O valor da factura aumenta se para resgatar o turista acidentado

for necessário utilizar mais uma viatura, fazendo com que haja corporações de bombeiros que cobram cerca de 70 euros pelo uso de mais uma viatura.

Em relação aos elementos que participam no resgate, só é cobrado um valor se o serviço ultrapassar o horário normal de trabalho. Nesse caso, é contabilizado o preço de uma hora extraordinária.

Os valores totais de uma factura podem variar entre os 300 e os 700 euros e, convém ressaltar, que dependem de vários factores, como o tipo de resgate, o número de viaturas utilizadas e até a quantidade de oxigénio aplicado à vítima.

Mesmo apanhados de surpresa quase sempre os turistas não recusam pagar o valor. Até porque a maior parte dos estrangeiros acidentados estão cobertos por um seguro de viagem que é accionado em caso de acidente. Pode demorar algum tempo às corporações receberem o dinheiro mas tanto quanto foi possível apurar não há 'calotes' deixados pelos turistas.

Há, no entanto, casos pontuais de estrangeiros que após terem sido assistidos no hospital não quiseram permanecer na Madeira a cumprir o período de férias e acabaram por regressar ao país de origem. Nesses casos, as corporações não tiveram tempo de emitir as facturas e acabam por não receber o dinheiro.

Há um outro caso em que os bombeiros também não chegam a receber o valor do resgate efectuado. Verificam-se quando há a ausência de seguro. Determinadas corporações preferem não enviar a factura aos turistas sabendo mesmo que perdem uma das fontes de receita.

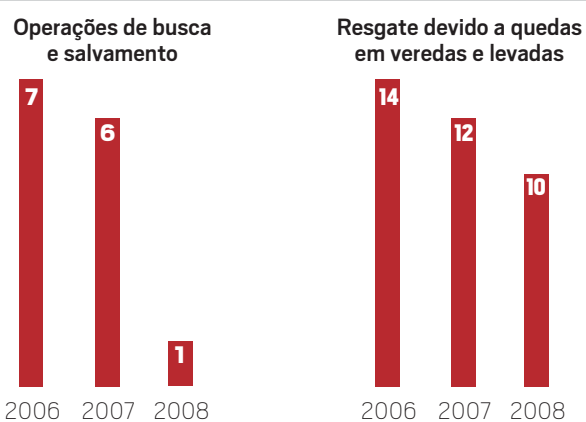
## MONTANHAS SEDUZEM TURISTAS AVENTUREIROS



“É natural que alguns turistas fiquem admirados quando recebem uma conta para pagar”, afirmou o Director Regional das Florestas. Todos os meses o corpo florestal é chamado a efectuar resgates de turistas que “não sabem medir o risco” e “deixam-se ir pelo espírito de aventura”, sublinhou Rocha da Silva. Só este ano aconteceram dez resgates. É na altura de cobrar o serviço e de pagar as despesas que “os turistas se mostrem surpreendidos”, no entanto, “alguém tem de pagar”, adiantou Rocha da Silva que desconhece a existência de turistas que tenham deixado ‘calotes’ nas várias corporações. O director regional fez questão de explicar que não existe conselhos a dar aos turistas, porque as próprias montanhas

madeirenses “servem de atractivo para aqueles que gostam de experimentar o risco”. Mas Rocha da Silva fez questão de deixar no ar uma interrogação: “o que fazer quando o espírito de aventura fala mais alto?”. A Direcção Regional de Florestas realizou obras de recuperação em vários percursos mas “foi para proporcionar espaços onde as pessoas pudessem desfrutar da natureza”. No entanto, Rocha da Silva alerta para que só estão seguras se “caminharem no trilho que foi traçado”. Ainda assim, há quem goste de pisar o risco. E os casos são muitos: desde o turista que inicia ao anoitecer ou quando chove num percurso de três horas, ao estrangeiro que foi até à beira de uma falésia para tirar uma foto. “Não há nada a proibir o risco”, acrescentou Rocha da Silva.

### OPERAÇÕES REALIZADAS\*



\*Sob coordenação do Serviço Regional de Protecção Civil e Bombeiros da Madeira